

# MARINNA

Iolando Meneses

MARINNA

IOLANDO MENESES

# **MARINNA**

1<sup>a</sup>. edição

Aracaju  
Livrorama  
2012

MARINNA

Copyright © 2012

Iolando Meneses

Capa: Amazon

Foto Capa: Amazon

Revisão: Do autor

**1ª. Edição: 2012**

ISBN: 9781706448419

Iolando320@gmail.com

Para Ana Cristina, que vieste para mim com ares de festa;

Para Marianna e Iago, partes de mim que me completam.

MARINNA

# Prólogo

*“Criando todas as coisas, ele entrou em tudo. Entrando em todas as coisas, tornou-se o que tem forma e o que é informe; tornou-se o que pode ser definido e o que não pode ser definido; tornou-se o que tem apoio e o que não tem apoio; tornou-se o que é grosseiro e o que sutil. Tornou-se toda espécie de coisas: por isso os sábios chamam-no o real. ”*

*Vedas (Upanichade)*

Eu não escrevi este livro como escrevem os grandes escritores, porque não me considero um deles. Os grandes escritores escrevem vários livros, dedicam grande parte de seu existir a eles. Só aos 50 anos é que estou publicando o meu primeiro livro: Marinna.

Escrever sempre me pareceu muito solitário! Gosto de gente e de sua diversidade! Para escrever tenho que me contentar apenas com a companhia dos personagens fictícios, sendo alimentado durante a jornada apenas pelas memórias dos personagens que eu não os conheci e pela grandeza daqueles que

conheço em carne e osso. Foi especialmente por estes últimos que eu escrevi este livro.

Ainda na fase embrionária deste intento literário eu não queria que este livro parecesse com uma autobiografia, nem que ele fosse um livro exclusivo de memórias. Queria que fosse uma obra de ficção, mas que me abrisse uma oportunidade ímpar para resgatar muitas histórias de vida real e que eu pudesse visitar muitos fatos históricos ocorridas em Sergipe, no Brasil e no mundo. Assim foi possível registrar importantes fatos ocorridos dos anos 20 aos anos 80 e, também, recontar as histórias que ouvi e vivi e que precisava, de alguma forma, deixá-las eternizadas. Os livros eternizam os autores, principalmente porque eternizam seus personagens. Eles são a razão de existir do que está sendo escrito. Por isto já estou com saudades daqueles personagens que eu criei e profundamente grato a cada um dos personagens reais, vivos ou mortos, que honrosamente desfilaram neste livro.

Como escreveu Pe. Fábio, “...e depois da morte e ressurreição da semente, a grande graça é a flor que surge”.

O Autor

**E**u ainda era um frágil e desnutrido bebê, com um pouco mais de um mês de nascido, quando fui entregue pela minha mãe em um orfanato.

Era uma manhã ensolarada de janeiro do ano de 1969, quando minha mãe concretizou a minha entrega no orfanato alegando que não tinha condições financeiras nem psicológicas para me criar. Sustentou a ideia de que não sabia quem era o meu pai, que a minha avó não queria me criar, e, portanto, não tinha a quem me entregar. Disse que não desejava me jogar em qualquer lixeira nem me largar no meio de um manguezal nas margens do rio Sergipe. Então ela preferiu me deixar no orfanato da Bebê.

Ao contrário de tantas outras crianças na mesma situação, eu fui imediatamente adotado. Para minha sorte e felicidade, uma senhora chamada Rita, que nunca teve filhos porque era estéril, estava realmente querendo um bebê do sexo masculino com as minhas características. Desta forma, então, eu fui rapidamente adotado. Como eu ainda não tinha nome, eles logo me registraram como filho legítimo e me batizaram com o nome de Jesus Ávila de Meneses.

## MARINNA

Um mês depois da minha adoção o senhor Arthur, meu pai adotivo, foi transferido pela Petrobras para o Rio de Janeiro para trabalhar na Refinaria. Nós moramos na cidade do Rio de Janeiro, no bairro de São Cristóvão durante alguns anos. Lá eu cresci, chamado por todos de Jesus, tive meus primeiros coleguinhas de infância, fui para a escola, me tornei um dos melhores jogadores do meu time de futebol do Colégio Dom Pedro II onde estudei e ali concluí o ensino colegial. Somente em janeiro de 1984, aos quinze anos de idade, é que eu vim morar aqui em Aracaju.

Infelizmente meu pai adotivo Arthur foi uma das vítimas fatais de um acidente na Refinaria. Ele dizia que aquilo lá era mais seguro que a casa dele. No entanto, uma simples manobra, feita inadvertidamente por um operador, foi suficiente para pressurizar demasiado um dos diversos vasos de pressão que veio a romper a menos de dois metros de onde estava meu pai. Ele morreu com mais de noventa por cento do corpo queimado.

Eu sempre soube que era uma criança adotada. No entanto, nunca tive interesse em que meus pais adotivos me revelassem quem eram meus pais biológicos. Somente depois da morte de papai Arthur é que mamãe Rita resolveu, por sua livre iniciativa,

me contar todos os detalhes da adoção. Foi neste contexto então quando eu fiquei sabendo de toda a minha estória. Confesso que fiquei muito mais curioso do que surpreso e muito mais ansioso do que triste. Apesar de eu saber da existência de minha família biológica, para mim eles eram pessoas estranhas com as quais eu nunca tivera nenhum contato.

Estamos nos conhecendo agora! Conhecer é um processo! Às vezes prazeroso, às vezes bastantes penoso, às vezes até decepcionante. Pode levar alguns anos! Mas tenho me saído muito bem nessa minha nova fase de vida.

Eu fui criado em outra realidade social, cultural e econômica. Ficar sabendo que eu era adotado não mudou absolutamente nada em minha vida, a não ser o despertar da curiosidade para saber um pouco mais sobre a vida e a história dessa gente que estou aos poucos conhecendo. Do ponto de vista biológico, o sangue deles corre em minhas veias. Do ponto de vista real, as circunstâncias da vida criaram um distanciamento natural e bastante significativo entre nós. Hoje eu o trato como avó e tio, o respeito muito como pessoas e seres humanos e apesar de tudo respeito a memória dos meus pais biológicos, mas não os sinto como parte da minha

## MARINNA

família. Minha família de verdade é aquela que me acolheu, me amou incondicionalmente, me deu carinho, me educou e me tornou a pessoa que sou. Indubitavelmente a minha mãe é Dona Rita e o meu pai é Seu Arthur.

Cerca de quase quatro anos depois que eu e minha mãe Rita chegamos do Rio de Janeiro para morar aqui em Aracaju, na Hermes Fontes, eu recebi lá em casa a visita de Dona Normélia. Ela me procurou para me entregar uma pasta cheia de folhas datilografadas e uma quantidade enorme de recortes de jornais e revistas. A pasta continha muitas anotações em pedaços de papéis avulsos e, também, muitas anotações e rabiscos nos próprios recortes. Ela passou para mim todo aquele material dizendo que o filho dela, o Leonardo, havia se envolvido no mundo das drogas e que havia morrido de overdose há cerca de três meses. Ele havia deixado com ela todo aquele material e, pouco antes de morrer, já muito debilitado, lhe dissera: — Minha mãe eu quero que a senhora localize onde está morando o Jesus, filho de minha amiga Isolda. Ele foi adotado por uma senhora de nome Rita. A Senhora entregue esse material somente se for a ele. Caso contrário, a senhora pode queimar tudo isso! Um amigo meu que conhece a

irmã dessa senhora Rita me informou que eles estão morando ali no início da Hermes Fontes, bem próximo da Praça da Bandeira, em frente da casa do General —.

Dois meses depois que Leonardo faleceu, Dona Normélia decidiu, de pronto, que me localizaria para entregar aquele material. Ela me disse ainda que eu poderia ler, publicar, ou simplesmente destruir tudo aquilo. Só eu poderia decidir o que fazer!

Eu recebi todos aqueles escritos, agradei encarecidamente pelo seu empenho em me encontrar e sem demora, ela se foi sem muita conversa. Percebi que havia uma imensa saudade em seu coração de mãe e uma enorme tristeza em seu olhar!

Depois que ela foi embora eu comecei a revirar aquele material e a analisar calmamente todos aqueles escritos. A partir daí eu comecei a perceber que aquilo ali era um livro que o Leonardo estava escrevendo. Comecei a investigar quem era o Leonardo e fui descobrindo que ele fora colega de escola da minha mãe biológica desde as primeiras séries e, pelo que pude perceber e constatar posteriormente através dos escritos, eles eram amigos muito íntimos e ele a conhecia bastante. Não sei o que o

## MARINNA

levou a escrever o livro, mas é fácil perceber que ele a admirava profundamente e conhecia detalhes a respeito de sua história de vida. Leonardo estava cursando o sétimo período do curso de História na Universidade Federal de Sergipe e tornou-se dependente das drogas desde o segundo grau, quando ainda estudava no Atheneu. Já havia um ano que ele tinha trancado a matrícula na universidade, em consequência do uso das drogas. Em sua narrativa, o tempo inteiro ele mistura muito bem história com ficção, fruto de seus conhecimentos por conta de seus estudos de História de Sergipe, do Brasil e mundial. Em três dias eu li aqueles escritos. Li todo o material por ele deixado e confesso que algumas vezes cheguei a me emocionar profundamente. No início o relato é bastante lento e detalhado, às vezes até em demasia. Ao longo do livro o ritmo vai ficando mais acelerado. Parece até que ele sabia que não ia viver o tempo suficiente para poder escrevê-lo mais lentamente. Enquanto eu lia aquela história ia me envolvendo com ela. Ora ficava triste com a dura realidade dos fatos e ora extremamente feliz com os relatos inteligentes e detalhados feitos pelo Leonardo. Diante da riqueza histórica contida naqueles escritos e que davam todo o lastro

temporal aos fatos narrados, não tinha mais dúvidas. Decidi então que iria fazer um fechamento para aquela narrativa; melhor, iria tratar de concluir aquele livro. Neste contexto eu seria apenas e exclusivamente um colaborador, alguém que contribuiria concretamente para tornar conclusivo o livro do Leonardo de Dona Normélia.

Agora, com os meus vinte anos de idade, já posso analisar os fatos passados com maturidade e distanciamento suficientes. Hoje eu posso olhar os acontecimentos numa visão mais antropológica de estranhamento: olhar as coisas como elas são, de fato em si mesmas, sem me deixar envolver afetivamente com elas.

Eu estou na Universidade Federal de Sergipe cursando o terceiro ano de Engenharia Química. O grande sonho do meu avô biológico era que meu tio tivesse feito Química Industrial, para depois de formado poder ir trabalhar na Petrobrás. Era um sonho que ele tinha: ter um filho empregado na Petrobras. Meu tio, portanto, escolheu outro caminho, abraçou outra missão. Pelo que soube através da minha avó, ele é perfeitamente feliz e realizado com o que faz.

Na semana passada recebi uma carta do meu amigo Ió que está morando em Salvador. Depois de muita dificuldade ele finalmente conseguiu fazer uma especialização na Universidade Federal da Bahia e está trabalhando no Polo Petroquímico de Camaçari. Assim que se formou ele ficou um tempo lecionando aulas de matemática em dois colégios por falta de emprego. Ele me havia contado que a indústria brasileira estava totalmente estagnada e quase que ele não consegue uma vaga para fazer estágio. Teve que estagiar em plataformas da Petrobrás para poder concluir o curso. Mas, enfim, no final tudo deu certo!

Falar em professor, lá no colégio D. Pedro II, eu tive a oportunidade de ter excelentes professores. Dentre eles havia um grande educador que foi o meu professor de música e que também era um mestre em filosofia. Lembro-me quando completei quinze anos de idade, e ele me deu de presente o livro de Aristóteles, *Ética a Nicômaco*. Naquela ocasião o Professor Jorge me olhou com olhar muito sério, bem no fundo dos meus olhos, e me disse com autoridade de pai: — Aqui você aprenderá a regra do bem viver! — Ao abrir o embrulho, eu vi que era um livro e na folha de rosto estava escrito a seguinte dedicatória:

*"Quando as pessoas são amigas elas não têm necessidade de justiça; mas, mesmo quando elas são justas, têm necessidade de amizade".*

*Neste livro conhecerás os valores e as normas basilares de conduta. Meditarás bastante sobre elas para que possas, com valores sólidos, pautar sua vida em sociedade. Verás inclusive que, verdadeiramente, a amizade é ainda muito superior à justiça.*

*Ao inesquecível aluno e amigo Jesus, com um forte abraço do seu professor e amigo Jorge.*

Longas, agradáveis e enriquecedoras conversas nós tivemos a respeito de temas filosóficos. Ele me ajudou a ver o mundo muito mais além do que eu podia imaginar. Ele sem dúvida muito me ajudou no processo de “saída da caverna”, permitindo-me poder ir lá fora e ver, de fato, a realidade. Ajudou-me a sair do mundo das sombras, das ilusões, mergulhar no mundo das ideias e aprender a ver o mundo real.

## MARINNA

Na semana passada eu fui à casa de minha avó biológica, lá no bairro Santo Antônio. Conversamos um pouco a respeito das notícias atuais. No momento, no país inteiro não se fala em outra coisa, senão no segundo turno das eleições presidenciais.

Assim que morreu o Tancredo Neves em abril de 1985, o vice-presidente José Sarney assumiu o governo. Para conter a já insustentável inflação, ele apresentou à nação o famoso plano Cruzado, do ministro Funaro, que teve como ponto alto o congelamento de preços. A equipe econômica da Unicamp conseguiu resultados imediatos no primeiro mês, obtendo até deflação. No entanto, o plano acabou não dando certo por conta do excesso de consumo pela população, gerando então um generalizado desabastecimento. As pessoas se digladiavam nos supermercados para conseguirem comprar uma lata de óleo de soja, um quilo de açúcar, uma lata de leite... instituiu-se um sistema de cotas nos supermercados, mas as pessoas conseguiam encontrar meios para burlar o procedimento. Essa derrota econômica fez despencar o prestígio do presidente Sarney, o qual chegou inclusive a ter o ônibus em que viajava apedrejado no Rio

de Janeiro, além de ter sido vaiado em sua própria terra natal, o Maranhão.

Mas o que importa mesmo é que, finalmente, depois de muita luta muita tortura, opressão, perseguição e sangue derramado, poderemos finalmente votar e eleger o presidente da república. Este ano de 1989 ficará para sempre gravado na história da democracia brasileira. Já votamos no primeiro turno, e agora iremos votar no segundo turno. Neste momento, em todos os cantos deste imenso país só se discute a eleição para o segundo turno. Disputam em segundo turno a presidência do Brasil os candidatos Fernando Collor de Melo e o Luiz Inácio da Silva do Partido dos Trabalhadores - PT.

A minha avó Marinna está agora com sessenta e sete anos de idade. Ela faz questão de ir votar! Votou convictamente em Fernando Collor no primeiro turno e disse que não deixará de dar o seu precioso voto ao alagoano no segundo turno de forma alguma. Eu até tentei convencê-la do contrário, mas ela me respondeu: — Naquele barbudinho rouco sem o dedo mindinho eu não dou o meu voto de jeito nenhum. —

## MARINNA

Eu não cheguei a conhecer a mãe da minha mãe Rita, pois ela morreu muito jovem. A vovó Marinna, no entanto, tem se mostrado uma mulher bastante forte, disposta e muito cheia de energia. Hoje ela se dedica exclusivamente às questões religiosas. Participa ativamente do grupo da renovação carismática que se reúne todas as quartas feiras na capela do colégio do São José. Ela fala que neste grupo tem muita música, violão, percussão e muita alegria. — É algo bem diferente e muito bom que apareceu dentro da Igreja Católica meu neto! — diz ela. — Lá a gente pode até dançar para louvar o Senhor —. Eu já ouvir dizer que parece mais com os cultos dos protestantes pentecostais renovados.

Vovó Marinna me convidou para que eu a acompanhasse, com minha mãe Rita, a uma dessas reuniões de cura interior que acontecem todas as segundas-feiras lá na igreja São José. Minha mãe Rita se mostrou bastante interessada na proposta. Eu fiquei de pensar com carinho no convite e disse depois daria a resposta.

A estória da minha avó é muito interessante, e tudo começou lá em São João do Cumbe, nos idos dos anos 20. Ela nasceu do seio de uma família muito humilde, e, em meio àquela vida